

Clipping da Infância e Juventude do TJPE – 20/07/2016

- *Para alertar sobre gravidez precoce, alunos se tornam 'pais' de pintinhos*
- *Qualidade baixa é a maior lacuna na Educação da América Latina*
- *A jornada da criança refugiada em 7 livros infantis*
- *Comissão de Educação debateu base curricular e escola em tempo integral*
- *A falência do sistema da adoção*
- *Seminário em Noronha debateu violência sexual contra jovens*

Assunto: Para alertar sobre gravidez precoce, alunos se tornam 'pais' de pintinhos

Fonte: ANDI

Data: 18/07/2016



Um projeto inusitado tem alertado jovens estudantes de uma escola pública na Zona Norte de Teresina sobre as consequências da gravidez precoce. Titulado como "Não faça filhos, leia um livro", os alunos participam de um experimento no mínimo diferente. Divididos em casais, os estudantes terão que cuidar de um pintinho durante dois meses e vivenciar uma experiência mais real sobre as dificuldades e responsabilidades de ser pai ou mãe ainda na adolescência.

O projeto funciona no Centro Estadual de Educação Profissional Prefeito João Mendes Olímpio de Melo, mais conhecido como Premen-Norte.

Conforme a professora Lessandra Ribeiro, a ideia surgiu depois que ela percebeu que 10 a 15 estudantes na faixa etária entre 15 e 17 anos surgem grávidas na escola todos os anos.

No experimento, os alunos precisam acompanhar o "filho" e fazer todas as anotações em um cartão de vacina com as medidas de peso e altura registrando o desenvolvimento do seu "bebê". Ao final, eles terão que entregar um relatório ao professor. O pintinho será devolvido à professora e estes serão levados a um sítio.

Quem está passando pelo experimento conta como é o dia a dia de cuidar do pinto.

"Dá muito trabalho, você tem que dar comida, colocar para dormir, ficar de olho. Realmente dá para imaginar como seria cuidar de um filho porque eu precisei deixar de fazer muitas coisas para poder cuidar dele (do pinto). O projeto realmente conscientiza sobre as dificuldades de se ter um filho de verdade", contou a estudante de 15 anos, Hanna Beatriz Sales Andrade que faz o 1º ano.

Ela cuida do Léo Júnior ao lado do colega de classe Romão Gabriel Lopes da Silva, que também tem 15 anos. Os dois simulam uma guarda compartilhada. Enquanto Hanna fica durante a semana, Romão cuida do "bebê" nos fins de semana.

"É um grande desafio porque você tem que ficar atento, dar carinho, se dedicar. Já estamos com ele há umas duas semanas, mas parece que foram meses, porque dá muito trabalho. Mas com certeza, mesmo com pouco tempo, já deu para entender o recado de que é preciso evitar a gravidez na adolescência", contou.

Diferente é o caso de uma adolescente de 16 anos entrevistada pelo **G1** que vive a realidade de cuidar de um filho de verdade. Mãe de um menino de nove meses, a jovem que cursa o 3º ano do ensino médio conta que ficou em pânico quando descobriu que estava grávida. Ainda estudante, ela disse que teve que cortar muita coisa da sua juventude para cuidar do filho.

"Fiquei em pânico. Foi uma surpresa muito grande saber que teria um filho. Vejo o quanto é

difícil cuidar de uma criança. Tive que me abster de sair com os amigos, tive que começar a trabalhar e dividir meu tempo com os estudos. Então ficou muito complicado. Por um lado, eu voltaria no tempo por conta das dificuldades que a gente enfrenta, mas por outro não, porque eu amo meu filho", contou

Assunto: Qualidade baixa é a maior lacuna na Educação da América Latina

Fonte: ANDI

Data: 18/07/2016



Aumenta a consciência sobre a importância da Educação para crianças de 0 a 3 anos e multiplicam-se pelo país experiências bem-sucedidas. A desigualdade social sempre empurra o Brasil para a posição de lanterninha nos rankings de desenvolvimento social. No 'país do futuro', a Educação infantil deveria ser alvo por excelência de políticas de promoção de equidade, mas sua má qualidade, principalmente para os filhos das famílias mais vulneráveis, foi o problema mais citado no Seminário Educação 360 Educação infantil, o que acaba por aprofundar o abismo social no país em vez de atenuá-lo.

Os debates em torno da Educação infantil atraíram centenas de educadores e pessoas interessadas no tema no auditório do Museu do Amanhã. Chefe da Divisão de Educação do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Emiliana Vegas ressalta que a timidez dos gastos com Educação infantil é comum entre países da América Latina, que investem, em média, só 0,4% do Produto Interno Bruto (PIB) nesta área, quatro vezes menos do que as nações de alto desenvolvimento (1,7%).

"A maior lacuna é a qualidade, extremamente baixa. Só 10% das crianças têm desempenho escolar adequado, e apenas 3%, bom ou excelente. Os insumos principais da Educação infantil, com impacto na fase adulta, são nutrição, afeto/cuidado e estímulo cognitivo", disse, ressaltando que o Brasil reduziu a desnutrição e a mortalidade infantil de forma acelerada desde a metade do século passado.

Observar experiências internacionais é o trabalho dela. Um exemplo foi uma ação bem-sucedida na Jamaica, baseado num programa de 20 anos de visitas semanais de agentes comunitários, que melhorou o desempenho de uma geração inteira em Matemática, elevou a média salarial em 25% e reduziu homicídios. Na Colômbia, ela viu resultados pífios da construção de Creches caras (US\$ 1 milhão cada), com custo operacional três vezes superior ao das Escolas convencionais, e o sucesso de um projeto bem menos vistoso, que treinou Educadoras comunitárias.

O esforço para elevar a qualidade da Educação infantil, acelerando o combate à desigualdade social, segundo Emiliana, inclui quatro grandes passos: recrutar os melhores Professores dos concursos, formar os atuais, remunerá-los de acordo com o desempenho em sala de aula e, no limite, demitir os menos capacitados, como acontece nas Escolas particulares. No Brasil, a receita esbarraria nas leis de proteção dos direitos dos servidores. Mas nada impede a adoção de ferramentas de avaliação de qualidade, outra medida importante.

"Uma forma de medir a qualidade é gravar as aulas com câmeras e usar o material para ver se as crianças estão engajadas, confortáveis no contato com o Professor. A promoção da primeira infância deve ser o centro da estratégia de desenvolvimento de qualquer país",

defendeu.

Daniel Santos, doutor em Economia da USP, com experiência em Economia da Educação, também acha que a porta do futuro para as crianças mais vulneráveis está trancada pela baixa qualidade da Educação que recebem. Em muitos países, a Educação infantil beneficia os mais pobres, mas aqui é o contrário. Estudos apontam que, no Brasil, uma Creche de má qualidade “pode fazer mal às crianças” e ampliar a desigualdade.

"A Pré-Escola melhorou, mas as Creches não. Nelas pode haver uma relação afetuosa, no sentido amoroso, mas quando o Professor não sabe responder à curiosidade da criança, ela bate em uma parede de gelo, o que gera desestímulo. A capacidade de interação do Professor com a criança tem impacto efetivo na sua formação, mas infelizmente a questão não é prioridade nos cursos de Pedagogia", critica Daniel.

As famílias precisam ter boas informações para cobrar qualidade das Creches, em vez de observar apenas se o filho volta limpo, alimentado e se brigou ou não com os coleguinhas. Sozinha, segundo Daniel, “a Escola não faz milagre”. No mundo todo, pesquisas comprovam que o potencial da Escola aumenta com a confiança dos pais no Educador.

"É preciso trazer o tema da qualidade para o centro do debate, pois falta informação. O problema está na baixa qualidade das Creches a que os pobres têm acesso", afirmou.

O avanço da consciência da importância de uma Educação infantil de qualidade multiplica experiências inovadoras e corajosas pelo país. Algumas das mais emblemáticas foram reunidas no seminário para apontar caminhos de políticas públicas que acelerem mudanças e garantam acesso com qualidade a quem mais precisa.

Ex-secretária municipal de Educação do Rio, Cláudia Costin defendeu a integração das áreas da Educação, saúde e assistência social, observada em outros países, como bom exemplo para o Brasil melhorar sua Educação infantil, além de espaços adequados com equipamentos pedagógicos associados ao currículo.

"Educar custa caro, porque exige bons Professores, o que significa também pagar bons salários".

As melhores experiências comprovam a importância da cooperação entre agentes públicos. Foi o que garantiu sucesso ao Programa de Alfabetização na Idade Certa no Ceará, que de 2007 a 2011 ampliou de cinco para 179 o número de municípios com índice desejável de Alfabetização de crianças. Criado no município de Sobral, o programa virou experiência inédita de colaboração entre estado e municípios e acabou adotado pelo governo federal. O segredo, como sempre, foi uma receita simples: cooperação técnica acima de divergências políticas, material didático, formação, estímulo à participação das famílias e sistema de avaliação permanente.

"No Brasil, estamos acostumados ao pessimismo de que não dá para fazer as coisas. Dá, sim. O primeiro passo é romper com a inércia e compreender a importância da Educação infantil. De 0 a 3 anos é que se tem experiências para saber se pode confiar em gente", ensina o ex-secretário de Educação de Sobral e do Ceará, Maurício Holanda.

A mesma simplicidade foi adotada em Serrinha, na Bahia, conhecido pela tragédia dos mutilados na produção do sisal. Em 2009, das 24 Creches só dez funcionavam. Evasão

Escolar era tradição. Uma firme e comovente campanha para mudar a cultura, com adequação dos espaços e agentes entoando o refrão “Fora da Escola não pode”, do UNICEF, ampliou a rede para 67 unidades, 53 na zona rural.

A inspiração de Gelcivânia Mota, secretária de Educação de Serrinha, veio de uma passagem em que Alice, no País das Maravilhas, pergunta ao coelho: “qual é o caminho?” — O coelho responde: ‘Não sei para onde você quer ir’. "A nossa rede encontrou o caminho porque sabíamos o que queríamos construir: uma política de Estado e não de governo. O único caminho que resta a Serrinha é aprimorar, cada vez mais, a Educação infantil", ensina.

Boa Vista, menor e mais pobre capital do Brasil, fez uma pequena revolução na Educação infantil. A cidade tem 66% da população em situação de pobreza, sem acesso aos serviços públicos básicos. Mesmo assim, a Prefeitura decidiu colocar a Educação infantil no centro das prioridades e concentrou gastos em apoio total a gestantes e no desenvolvimento de crianças de 0 a 4 anos, com visitas de Educadores e médicos a 100% dos domicílios.

"Formamos uma geração sem medo de enfrentar a vida e seremos a capital da Educação infantil. Nosso foco é na formação do Professor, na mudança de comportamento, de conceito e de cultura. Já temos resultados incríveis na Saúde, na área social, mas sabemos que a medição para valer é a longo prazo, daqui a 15 ou 20 anos", explica a prefeita Teresa Surita.

A evasão Escolar é um dos maiores problemas do sistema educacional brasileiro. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílio (Pnad 2014), do IBGE, 3,25 milhões de crianças e adolescentes estão fora das Escolas no Brasil. Deste total, 954 mil têm entre 4 e 5 anos, e quase 1,7 milhão têm entre 15 e 17 anos. As crianças mais afetadas são as negras ou índias, com deficiência, que vivem em zonas rurais e cujas famílias são de baixa renda. Os dados foram apresentados no seminário pela oficial de Educação do UNICEF no Brasil, Júlia Ribeiro.

"Os números mostram que temos 7% do total de crianças e adolescentes brasileiros fora das Escolas, o que corresponde a quase a população inteira do Uruguai. Isso é relevante. A Educação infantil é a única etapa que não temos como retornar ou refazer. Uma criança fora das salas de aula não recupera nem vivencia essa fase em nenhum outro momento da vida", ressaltou.

Assunto: A jornada da criança refugiada em 7 livros infantis

Fonte: Promenino

Data: 19/07/2016

Promenino



Crédito: Reprodução do livro Migrando (Mariana Chiesa Mateos)

Por Carolina Pezzoni, do Promenino, com [Cidade Escola Aprendiz](#)

*“Naquela noite de férias, antes de dormir, o único livro infantil que se sobressaía no criado-mudo, em meio à pilha de livros de adultos, era **A Cruzada das Crianças**, um poema narrativo do escritor alemão Bertold Brecht sobre a trágica jornada de uma trupe de crianças em meio aos horrores da Segunda Guerra – um tanto incomum para o repertório de uma menina de cinco, pensei, ressabiada. Mesmo assim, ofereci, e ela, intrigada com o desenho da silhueta rota de duas crianças de mãos dadas, contra um fundo branco infinito, quis conhecer essa história.*

Primeira estrofe, fogo e sangue; segunda, criança órfã; quarta, fome e ruínas. ‘O que são ruínas?’ – ela interrompeu para perguntar. ‘O que ficou destruído, como uma cidade depois de uma guerra, por exemplo.’ ‘Sei...’, comentou, pensativa. Sigo lendo os versos, já quase sem fôlego, mais batalhas e dor, e uma nova interrupção: ‘Se essas crianças não têm família, nem casa e estão sozinhas, podemos dizer que também estão em ruínas, não é?’ Pela primeira vez em sua breve vida, ela perdia o sono com as brutalidades da guerra.”

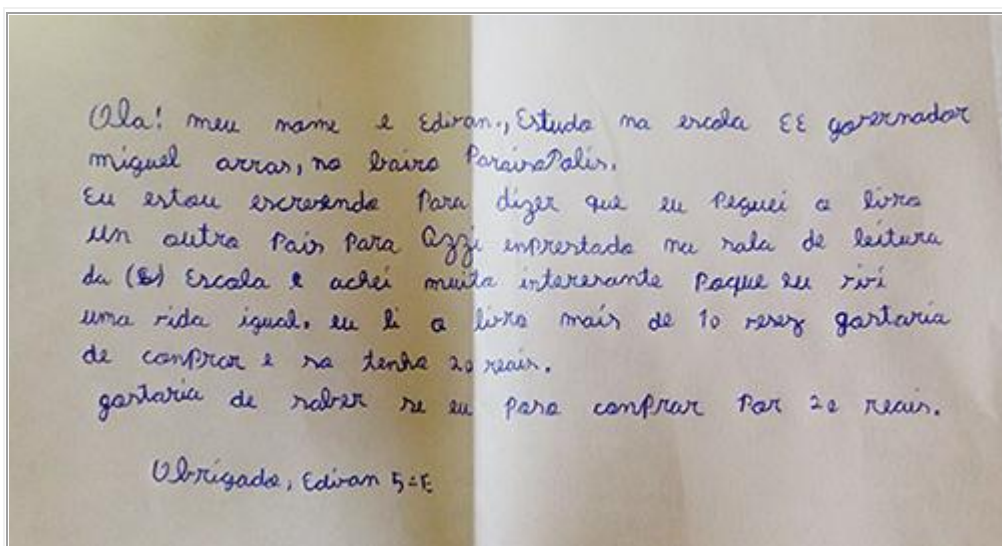
Nomear para uma criança um mundo inscrito em violência, admitindo que não “era”, mas sim “é uma vez”, pode parecer uma tarefa inoportuna ou até estapafúrdia. Não fazê-lo, porém, pode ser uma forma de ignorar seus recursos internos para se sobrepôr à dor, inventando e criando outras narrativas de vida. É do que trata, entre outras reflexões sobre o contato das crianças com a literatura, a escritora Yolanda Reyes, em seu artigo “Escrever para os jovens na Colômbia” (publicado no livro [“Ler e brincar, tecer e cantar”](#), da editora Pulo do Gato).

“Se é bem verdade que as palavras não curam feridas físicas, nem podem devolver as páginas da história para inventar finais menos tristes, seus poderes simbólicos nos acolhem em tempos difíceis, para deixar passar a dor e fazê-la suportável”, escreve a autora.

Em consonância com este olhar, a mediadora de leitura Luciana Gomes, responsável pela Sala de Leitura na Escola Estadual Governador Miguel Arraes, no bairro paulistano de Paraisópolis, não se furta ao risco de apresentar às crianças histórias difíceis das quais muitas vezes são protagonistas. “Essa questão, se o livro é ou não para criança, para mim ainda é muito grande”, revela, afirmando, porém, que em seus critérios de escolha considera muito mais aspectos de gênero e qualidade do que faixa etária.

Um dia, durante uma “roda de devolutiva” (quando os alunos devolvem os livros emprestados por uma semana e conversam em pequenos grupos sobre suas leituras), surpreendeu-se ao notar Edivan declamando **Um outro país para Azzi**, em meio aos colegas do 5º ano do Ensino Fundamental. “Ele recitava na íntegra as primeiras páginas do livro”, relatou Luciana. “Perguntei como havia memorizado as falas e ele me contou que tinha lido o livro mais de 10 vezes, pois queria lembrar a história para narrá-la à avó, com quem tinha vivido uma história semelhante.”

No livro, Azzi é obrigada a sair do seu país para fugir da guerra, deixando para trás a avó, que quis ficar para cuidar da casa – “a pior coisa que podia acontecer”, segundo a menina. Edivan, que antes vivia com a avó na Bahia, veio para São Paulo morar com a mãe, mas sua avó não teve condições de vir junto. “Ela queria vir também, mas o dinheiro não dava”, explicou o menino.

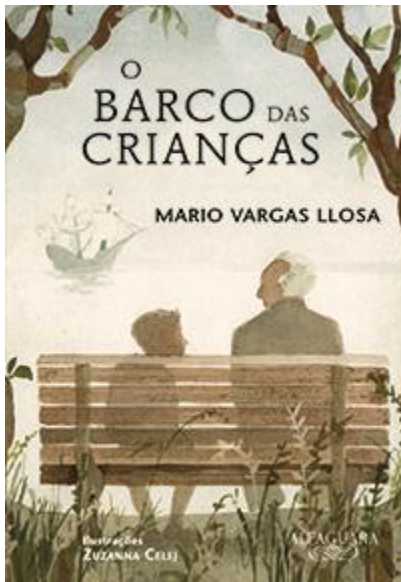


A identificação do aluno de Luciana com a leitura de **Um outro país para Azzi** foi tão forte que ele quis um exemplar para si. “Quando o empréstimo chegou ao fim, Edivan me pediu para renovar. Disse que queria ter este livro por mais tempo, para guardar”, descreveu a mediadora. Após consultar a família, que dispunha de 20 reais para pagar, combinaram de escrever uma carta à editora. “Já havíamos conversado sobre o que era uma editora e suas relações com o autor, o ilustrador... Então, falei com ele sobre esta em particular, de quem já tínhamos lido outros livros: Mari e as coisas da vida, A mulher gigante da casa 88, e ele preparou uma cartinha. Orientei poucas coisas, principalmente para reescrever a caneta, se fosse possível. A editora mandou este e mais dois outros títulos para ele.”

Identificando-se, solidários, Edivan e seus colegas se aproximam pela leitura da atual situação de vida de mais de **32 milhões de crianças refugiadas no mundo**, deslocadas de seus países por guerras e conflitos – um número sem precedentes estimado em 2016 pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR). Em jornadas cruelmente reais,

muitas vezes elas seguem sozinhas, separadas de suas famílias, como retratou Brecht em seu poema de 1948.

Levando em conta a delicadeza do gesto de exprimir essas tragédias de proporções globais diante dos universos infantis, o **Promenino listou 7 livros** que, a partir de um uso singular dos poderes simbólicos da palavra, aventuram-se com primor nesta missão, permitindo não apenas iniciar o diálogo mas, ainda além, ampliar uma capacidade que reluz na infância: criar novos sentidos para a experiência humana. *Confira:*



[O barco das crianças](#)

Mario Vargas Llosa (Alfaguara, 2016)

Enquanto se preparava para ir à escola, Fonchito via da janela um velhinho solitário, sentado em frente ao mar. Um dia, aproximou-se para saber da sua história. E a cada manhã, antes do ônibus chegar, ouvia um pouquinho sobre as desventuras de um grupo de crianças que, desde o século XII, navega pelos mares do mundo em busca da terra prometida. O livro, do jornalista e escritor peruano, com ilustrações de Zuzanna Celej, foi inspirado no relato do escritor francês Marcel Schwob (1867-1905), que diz: “Enchiam a estrada como um enxame de abelhas brancas. Não sei se onde vinham. Eram peregrinos muito pequeninos. Usavam cajados de aveleira e de bétula. Levavam uma cruz no ombro; e todas essas cruzes eram de várias cores.”



A Cruzada das Crianças

Bertold Brecht (Pulo do Gato, 2014)

Publicado pela primeira vez no ano de 1948, este poema narrativo do escritor e dramaturgo alemão Bertold Brecht narra a árdua peregrinação de um grupo de crianças órfãs que, em meio a um implacável inverno na Polônia, foge dos horrores da Segunda Guerra Mundial. Sem perder a esperança e a solidariedade, os pequenos peregrinos lutam contra a fome, o frio, a miséria e o desamparo em busca de descanso, em um lugar de paz. Com seus traços imprecisos, em preto e branco, a ilustração de Carme Solé Vendrell reflete a fragilidade das crianças diante da cruzada da guerra.



Migrando

Mariana Chiesa Mateos (Editora 34, 2015)

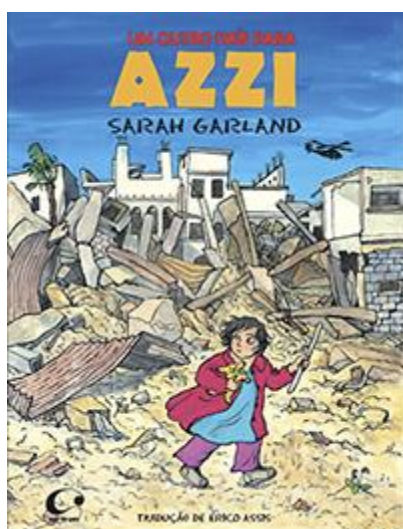
O desafio de quem migra – mudar de país, de paisagens, deixar para trás a língua conhecida, os rostos familiares – é a temática deste livro que, com duas capas e dois pontos de partida distintos, amplia as possibilidades de interpretação sobre o fenômeno. Mostra que a palavra migrante pode ser sinônimo de sofrimento e fragilidade, mas também de coragem e de futuro. Como descreveu o educador e mediador de leitura Magno Rodrigues Farias, na seleção [Destaques Emília 2015](#), um livro em que não há uma palavra, mas que tanto diz.



A chegada

Shaun Tan (Edições SM, 2011)

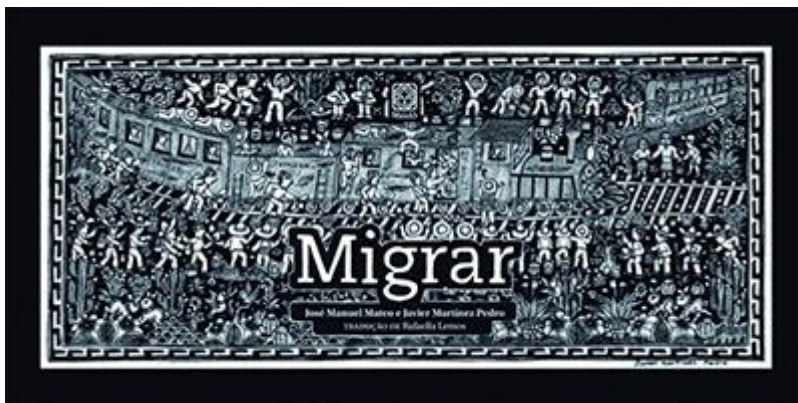
Sem fazer uso de palavras, este livro é como um álbum de família, que percorre a história de um migrante, que deixa a esposa e a filha em sua cidade natal para tentar a vida em um país estrangeiro. Após longa travessia, ele chega a uma terra estranha, onde as pessoas falam uma língua indecifrável, comem alimentos exóticos e convivem com objetos flutuantes e animais bizarros. Repleto de símbolos arquetípicos, como a cauda do dragão que aparece fortuitamente no caminho do protagonista, o livro ressalta aspectos comuns e particulares às histórias de estrangeiros em países distantes.



Um outro país para Azzi

Sarah Garland (Pulo do Gato, 2012)

O livro retrata a jornada de Azzi, uma menina que se vê obrigada a fugir do seu país com a família para se proteger dos perigos da guerra. “Às vezes, o barulho das metralhadoras nos helicópteros era tão alto que as galinhas ficavam assustadas e paravam de botar ovos”, descreve a protagonista, revelando sua perspectiva de criança da aproximação do conflito. Além das dificuldades da travessia de barco, ela terá de lidar com a saudade da avó, que precisou ficar para cuidar da casa, e com os desafios de adaptação a uma nova cultura.



Migrar

Jose Manuel Mateo (Editora Pallas, 2013)

Milhares de meninas e meninos migram para os Estados Unidos todos os anos, mas nem todos fazem o percurso com seus familiares: metade deles viaja desacompanhada. Nesta narrativa, seguimos a jornada de uma criança e sua família, que cruza a fronteira entre países em busca do pai, para deparar-se com um destino de trabalho precoce. Vencedor do prêmio Horizons, na Feira de Bolonha, o livro foi ilustrado por Javier Martinez Pedro, um mestre da iconografia mexicana, que utilizou as técnicas tradicionais das tribos Xalitla: o papel dobrado como um único biombo contendo toda a história desenhada em preto e branco.



Eloísa e os bichos

Jairo Buitrago e Rafael Yockteng (Pulo do Gato, 2013)

“Eu não sou daqui. Chegamos numa tarde, quando eu era bem pequena.” Assim começa o relato da protagonista, uma menina que chega a uma cidade diferente com seu pai, em busca de uma vida melhor, talvez fugindo de um passado doloroso. Neste novo cenário, tudo o que ela encontra ao seu redor é um mundo estranho, de bichos e insetos gigantes, onde as coisas obedecem a regras que ela não conhece.

Assunto: Comissão de Educação debateu base curricular e escola em tempo integral

Fonte: Senado Federal

Data: 19/07/2016



A Base Nacional Comum Curricular, a avaliação do Sistema Nacional de Educação Básica e a instituição de escola de tempo integral no ensino fundamental foram alguns dos principais temas debatidos nas audiências públicas interativas promovidas pela Comissão de Educação, Cultura e Esporte (CE) no primeiro semestre de 2016. Também foram discutidas nessas audiências regras de transparência e impessoalidade nos concursos públicos, a implantação do currículo pediátrico global e mudanças na Política Nacional sobre Drogas.

Ao longo do primeiro semestre, a CE realizou 18 reuniões deliberativas, promoveu 18 audiências públicas interativas e deliberou sobre 67 proposições, sendo 37 projetos originários do Senado e 24 projetos de autoria na Câmara dos Deputados.

Entre as matérias aprovadas em caráter terminativo na CE ou encaminhadas para deliberação final pelo Plenário estão o Projeto de Resolução do Senado (PRS) 14/2014, encaminhado à promulgação, que institui o Prêmio Jovem Empreendedor; o Projeto de Lei do Senado (PLS) 140/2015, que proíbe exigência de prévia experiência para a seleção de estagiário; o PLS 45/2015, que proíbe de taxa adicional para alunos com deficiência em escolas públicas ou particulares; e o PLS 566/2015, que permite a matrícula em escolas sem apresentação de certidão de nascimento. As três últimas proposições seguiram para exame pela Câmara dos Deputados.

Entre as políticas públicas avaliadas pela comissão estão o Plano Nacional de Educação 2011-2020, o Programa Bolsa Atleta, o Programa Mais Educação e o Programa Cultura Viva. A CE é presidida pelo senador Romário (PSB-RJ) e tem como vice-presidente a senadora Fátima Bezerra (PT-RN).

Assunto: A falência do sistema da adoção

Fonte: IBDFAM (Migalhas)

Data: 19/07/2016



Maria Berenice Dias

A cada nascimento que acontece, uma criança sobra em um abrigo.

A prioridade absoluta do Estado deve ser com crianças e adolescentes. É o que determina a Constituição ao assegurar-lhes, um punhado de direitos, entre ele, o direito à convivência familiar.

E maior é a responsabilidade quando, afastados dos pais, encontrando-se em situação de vulnerabilidade.

Para isso foram criados mecanismos de institucionalização, inserção na família extensa, destituição do poder familiar e a adoção.

Só que estas providências costumam levar muito tempo, principalmente considerando que o tempo da criança é mais urgente.

De todo descabida a institucionalização de bebês, quando a mãe manifesta o desejo entregá-lo à adoção. Ora, ela quer que o filho tenha um lar e não que seja institucionalizado ou entregue a algum membro de sua família. Se durante a gestação nenhum parente manifestou o desejo de ficar com a criança que iria nascer, inócuo deixá-la abrigada e buscar algum familiar que a queira.

Também é absurdo depositar uma criança à espera deque os pais adquiram condições de ficar com ela. Isso nada mais é do que tratá-la como um objeto, que se visita quando em vez.

No momento em que a criança é entregue ao Estado pelos pais, ou é deles retirada por evidências de maus tratos ou abusos, deve imediatamente ser entregue à guarda do pretendente à adoção, sem passar por um abrigo.

O processo de destituição do poder familiar deve ser cumulado com a ação de adoção, para que ocorra a transferência do poder familiar dos pais biológicos para os adotivos.

De outro lado, é indispensável possibilitar que os candidatos à adoção tenham acesso a todas as instituições que têm crianças abrigadas. O filho precisa ter empatia por quem serão seus pais para que aconteça o milagre da identificação entre eles.

A demora é tão grande que as crianças crescem e quem quer adotá-las acabe perdendo a esperança de conseguir um filho.

O cadastramento dos candidatos à adoção demora, em média, mais de um ano e depois começa uma longa espera, sem que tenham acesso ao seu lugar na fila.

Claro que com o passar dos anos, até para tamponar a angústia da espera, buscam outros pontos de gratificação. Ou, o que está acontecendo de modo muito recorrente: utilizam as técnicas de reprodução assistida.

Assim, a cada nascimento que acontece, uma criança sobra em um abrigo.

Estas são alguns dos pontos que evidenciam a falência do processo para que o Estado cumpra o seu dever maior.

Algo precisa ser feito, e com urgência!

Assunto: Seminário em Noronha debateu violência sexual contra jovens

Fonte: Governo do Estado de Pernambuco

Data: 19/07/2016



A Secretaria Executiva de Políticas para Criança e Juventude (SEPCJ), comandada pelo secretário executivo João Suassuna, realizou o Seminário "Dialogando sobre o enfrentamento à Violência Sexual contra Criança e Adolescente", além de oficinas temáticas relacionadas ao enfrentamento a violação de direitos de criança e adolescentes. Barnardeth Gondim coordenou as ações representando a SEPCJ.

O seminário teve como objetivo qualificar e integrar os operadores de Sistema de Garantia de Direitos, no que concerne ao atendimento a crianças e adolescentes vítimas de exploração sexual e outras violações de direitos.

Entre os temas das oficinas abordados estavam: ABUSO E EXPLORAÇÃO SEXUAL: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA UMA ATUAÇÃO MAIS EFICAZ; INTERSETORIALIDADE: UM GRANDE DESAFIO PARA PROTEÇÃO INTEGRAL; DISCUTIR E FORTALECER O FLUXO DE ATENDIMENTO E NOTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIA.

As ações contaram ainda com o trabalho externo, realizado pela equipe da SEPCJ, com o objetivo de envolver, nas atividades, técnicos, educadores e outros profissionais que atuam nas instituições, órgãos e serviços que atendam crianças e adolescentes. Também foram contemplados pousadeiros e taxistas, entre outros.